

Ambiente

A manifestação foi em frente à embaixada do Brasil. Funcionários de uma rede de perfumarias pediram o fim da devastação na Amazônia.

Protestos em Londres. Contra as queimadas.

Mais uma vez, este ano, a embaixada do Brasil em Londres ganhou projeção nos noticiários da imprensa britânica. Ontem de manhã, aos gritos de "impede as queimadas", interrompidos de quando em quando por aplausos sincronizados e bem marcados, 160 funcionários da rede de perfumarias Body Shop fizeram uma passeata em frente ao prédio de tijolos aparentes da Green Street, no Mayfair, e cobriram sua entrada principal com 47 sacos de cartas de protesto contra a devastação da floresta amazônica.

O protesto foi organizado por Anita Roddick, uma inglesa de 46 anos, que há quatro décadas fabrica sabão em casa, usando frutas e legumes, e hoje é dona de um verdadeiro império de produtos naturais de beleza. Suas lojas, com sabonetes, cremes, perfumes, xampus, esponjas, escovas e sachês estão espalhadas por 27 países.

Para maior efeito visual e publicitário — e nisto ela parece ser uma expert —, Anita cuidou de todos os detalhes. As funcionárias compareceram uniformizadas e fizeram a manifestação obedecendo a uma coreografia pré-determinada. Chegaram em fila de duas, silenciosas, e exatamente na hora marcada, 10h50, ao sinal de comando da empresária, começaram a gritaria. De cada dez moças que subiam no patamar de entrada da embaixada, uma jogava sobre a porta um saco de cartas.

Depois de algum tempo, a polícia interveio e obrigou as manifestantes a recolherem os sacos para que funcionários da chancelaria pudessem entrar e trabalhar.

Os sacos, contendo mais de um milhão de folhetos assinados por fregueses da Body Shop durante os meses de julho e agosto, serão agora enviados para o presidente José Sarney, no Palácio do Planalto.

O texto das cartas é o mesmo e começa de uma maneira até simpática, reconhecendo "que todos nós poluímos este planeta". Em seguida, pede ao presidente Sarney (que "faz alguma coisa para salvar as florestas do Brasil", seus habitantes e seus animais, e argumenta que, para isto, ele poderia "abolir os incentivos fiscais, que tornam a destruição da floresta economicamente atrativa, implementar a reforma agrária e, assim, erradicar a violência no campo, apoiar projetos que promovam desenvolvimento não predatório e que usem os métodos e conhecimentos dos povos da floresta".

Falando para a Agência Estado, Anita Roddick disse que está "perfeitamente consciente das dificuldades que o governo brasileiro enfrenta para reduzir as queimadas", e sabe também "que boa parte da culpa pela destruição da floresta amazônica cabe às empresas multinacionais, muitas delas com sede aqui na Grã-Bretanha".

"Nós sabemos de tudo isto — disse ela — e as multinacionais não vão escapar de nossa campanha. O que queremos é que o governo brasileiro aceite que o problema da Amazônia é de todo o mundo e não apenas do Brasil. O que nós queremos é ajudar a encontrar uma solução que não prejudique os brasileiros, pelo contrário, que eles saiam ganhando com o esforço conjunto de toda a humanidade."

Anita — eleita empresária do ano em 1987 — contou que o marido dela, Gordon Roddick, viajou para o Brasil com botânicos e farmacêuticos e, no momento, está trabalhando com cientistas da Universidade de Belém para futuro lançamento de uma linha de produtos usando material da Amazônia.

"O que existe lá é uma coisa maravilhosa, e os brasileiros poderiam ganhar muito mais com a utilização das plantas que crescem sob as árvores para a fabricação de remédios e de cosméticos. A floresta, assim, seria preservada, os índios ficariam protegidos e o mundo teria muito o que agradecer ao Brasil."

O protesto de ontem foi apenas mais um fato a reavivar o interesse dos britânicos pela floresta amazônica. Nesta semana — e mais uma vez —, a Amazônia foi assunto de reportagens de capa das revistas *Economist*, inglesa, e *Time*, norte-americana.

**José Carlos Santana,
de Londres.**